

Folkcomunicação e os Estudos Folclóricos¹

Tiago Roberto RAMOS²
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

Resumo

Tematizando a relação entre o pensamento folclórico e a teoria da folkcomunicação, o presente trabalho problematiza os entrelaçamentos e influências entre essas duas perspectivas. Objetiva-se indicar as características do relacionamento entre a teoria da folkcomunicação e os estudos folclóricos. Para tanto, faz-se um levantamento histórico e bibliográfico sobre o desenvolvimento intelectual dessas perspectivas, caminhando, assim, nas tramas da sociologia da produção intelectual e dos seus produtores. Conclui-se que Luiz Beltrão fez parte da mesma plataforma de geração dos pesquisadores do folclore e que a teoria da folkcomunicação foi influenciada pelas propostas desses pesquisadores.

Palavras-chave: Luiz Beltrão; folkcomunicação; folclore; folclorismo; comunicação.

Explorando a folkcomunicação e suas relações

Segundo Luiz Beltrão (2001) a teoria da folkcomunicação pretende explicar as práticas comunicativas que acontecem por meio das manifestações folclóricas. Nesse sentido, ainda que não tenha no folclore um objeto privilegiado de estudo, a folkcomunicação e, conseqüentemente, a comunicação, enquanto área do saber, estabeleceu uma relação com os estudiosos do folclore. No entanto, historicamente essa relação foi pouco explorada e ainda é incipiente o conhecimento acerca das múltiplas influências que o pensamento folclórico exerceu na constituição da teoria folkcomunicativa. Nesse trabalho problematizamos os entrelaçamentos e influências entre folkcomunicação e estudos folclóricos, objetivando indicar as características do relacionamento entre essas duas perspectivas. Para tanto fazemos um levantamento bibliográfico retomando a história do desenvolvimento dos estudos folclóricos e da teoria da folkcomunicação. Inspirados por Mills (2009), e orientados pelos trabalhos de Pontes (1991), caminhamos pelas tramas da sociologia da produção intelectual e de seus produtores.

O texto possui três entradas analíticas. Uma que faz uma breve reconstrução da história dos estudos folclóricos, outra que se dedica a entender o desenvolvimento dessa área de estudos

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciências Sociais (UEM), graduado em Ciências Sociais (UEM), graduado em Publicidade e Propaganda (Unicesumar), professor do curso de Publicidade e Propaganda na Unifamma, email: tiagormsx@yahoo.com.br.

no Brasil, e a terceira que analisa a relação de Luiz Beltrão com os folcloristas brasileiros. A partir dessas análises podemos concluir que Luiz Beltrão fez parte de uma mesma plataforma de geração que os principais pesquisadores do folclore brasileiro e que a teoria da folkcomunicação foi influenciada por essas perspectivas, rejeitando-as ou incorporando-as, num movimento de aproximação e tensionamento.

Estudos Folclóricos: retomando os trajetos

Os estudos sobre folclore se iniciam nos idos de 1800 a partir do esforço intelectual dos ingleses e posteriormente dos alemães em compreender as tradições populares (FRADE, 2004). Os antiquários e os românticos foram as primeiras tradições que impulsionaram o desenvolvimento das pesquisas folclóricas.

Em 1846 o inglês William John Thoms (1803-1885) criou o termo *folk-lore* (saber do povo) para identificar a prática e o estudo das antiguidades e da literatura popular, que se produziam e reproduziam a partir de meios distintos das tradições formais, caracteristicamente letrada. No entanto, a tradição de estudos acerca da literatura e antiguidades populares, como informa Ortiz (1992), remonta ao final do século XVI e início do século XVII, a partir dos trabalhos de Jean Baptiste Thiers, “Tratado das Suposições” (1679), Le Brun, “História Crítica das Práticas Supersticiosas que Seduziram o Povo e Intrigaram os Sábios” (1702), e Henry Bourne, “Antiquitates Vulgares, ou as Antiguidades das pessoas comuns” (1725). Esses esforços receberam um caráter institucional a partir da criação de sociedades e agremiações dedicadas à pesquisa folclórica. A principal delas tenha sido talvez, a Sociedade dos Antiquários, fundada em 1718, na Inglaterra.

Foi John Brand (1744-1806) o personagem de maior destaque dentro dos circuitos dessas sociedades e agremiações. A publicação em 1777 do seu livro “Observações sobre as Antiguidades Populares” permitiu a identificação formal do intelectual antiquário. É a partir desse período que os antiquários passaram a se reconhecer enquanto tais, elaborando uma nova identidade intelectual (ORTIZ, 1992).

Propostas similares a essa passaram a surgir em vários países da Europa. Em 1820 aparece na Escócia a Sociedade Céltica, comandada por Walter Scot. Na França, em 1807, cria-se a Academia Céltica, que depois se transforma na Sociedade dos Antiquários da França. A partir dessas instituições, os antiquários se articulavam em torno da organização e compilação de objetos factuais representantes das tradições populares.

Ortiz (1992) recorda o trabalho dos antiquários como um exercício de diletantismo e entusiasmo, marcado por um afã colecionador que isolava informações culturais do

contexto no qual se encontravam, dificultando uma compreensão inteligível das relações nas quais os objetos e práticas populares se inscreviam, nutrindo, assim, um gosto excessivo pelas classificações e uma atenção desmedida aos detalhes, que nem sempre eram significantes. Cavalcanti (2012), por sua vez, demonstra a contribuição dos antiquários na construção da abordagem historiográfica. Foram eles os que primeiro se dedicaram ao estudo de fontes primárias não literárias. Os esquemas de classificação utilizados pelos antiquários permitiram a construção de uma técnica de organização dos fatos e objetos históricos que se opunha à elaboração das cronologias dos historiadores clássicos do período. Essa alternativa inovadora influenciou a produção historiográfica e folclórica posterior.

Intelectualmente distante dos antiquários, o romantismo imprimiu novas características na pesquisa e compreensão das tradições populares. Foi com os românticos que a particularidade e singularidade dos elementos tradicionais, associados ao seu caráter coletivo, constituiu-se como um índice de especificidade cultural. Tendo no povo e nas suas práticas o principal material de pesquisa, os intelectuais românticos, como Johann Gottfried von Herder (1744–1803), e os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) pensaram a singularidade das expressões culturais como o substrato para a elaboração das tradições e a conseqüente construção das nacionalidades e do estado nação.

A partir do romantismo a associação entre as práticas tradicionais e a identidade nacional tornou-se um critério explicativo importante. Os artefatos culturais e as práticas coletivas permitiriam a sedimentação de uma identificação comum, colocada dentro de certa variedade de formas, que daria corpo a uma rede de relações imaginárias empregadas na produção de uma narrativa histórica sobre o passado do povo que habita o território. Essas narrativas legitimaram a criação da nação e dos estados nacionais.

O movimento alemão *Sturm und Drang*³ é o que obteve maior sucesso nessa empreitada. Herder, um dos principais representantes desse movimento, foi um dos responsáveis pela criação do conceito de caráter nacional, defendendo a ideia da existência de particularidades culturais que poderiam ser reconhecidas territorialmente, localizadas historicamente e estruturadas linguisticamente, expressando, assim, a existência de um passado mitológico comum. A partir dos trabalhos de Herder se forma o conceito de literatura nacional, que expressa a ideia de que é a história narrada que constrói a civilização (VOLOBUEF, 2007).

³ *Sturm und Drang*, foi um movimento literário, musical alemão pré-romântico que teve seu auge entre os anos de 1760 – 1780 (VOLOBUEF, 2007).

O romantismo, enquanto movimento, contribuiu para a criação da cultura popular como categoria explicativa do real. Esse conceito, na sua origem, pretendia identificar a existência de “um grupo homogêneo, com hábitos mentais similares, cujos integrantes são os guardiões da memória esquecida” (ORTIZ, 1992, p.26).

O surgimento posterior das cidades modernas, no modelo civilizacional burguês, implicou na diferenciação entre a cultura urbana e a cultura rural e camponesa. A primeira, uma clara expressão da civilização moderna, e a segunda, tida como uma reminiscência do atraso e do passado relutante em desaparecer, sendo, portanto, o objeto de esforço de resguardo e coleção dos românticos.

William John Thoms, como já indicado acima, se distanciou do diletantismo dos antiquários e da busca pela tradição essencializada dos românticos, e em 22 de agosto de 1846, sob o pseudônimo de Ambrose Merton, em carta endereçada para a revista *The Athenaeum*, Thoms emprega pela primeira vez o termo *folk-lore*. Esse neologismo expressa o esforço em construir novas possibilidades de interpretação e compreensão daquilo que vinha sendo coletado pelos antiquários e utilizado com fins práticos pelos românticos. Duas décadas antes de Edward Tylor introduzir o termo “cultura” como denominador comum da antropologia inglesa, Thoms já havia criado um conceito capaz de expressar a busca pela elaboração de um conhecimento sistematizado. Além do conceito, Thoms e os entusiastas do folclore, criaram critérios de classificação das práticas folclóricas, dividindo-as em: I - narrativas tradicionais (contos, baladas, canções, lendas); II - costumes tradicionais (jogos, festas e ritos); III - superstições e crenças (bruxarias, astrologia, práticas de feitiçarias); IV - linguagem popular (nomenclaturas, provérbios, adivinhas, refrãos, ditos) (FRADE, 2004).

O legado de Thoms permitiu a construção de uma nova categoria interpretativa, que por sua vez contribuiu para o surgimento de um novo tipo de intelectual – o folclorista. Em 1878 Thoms funda a *Folklore Society*, garantindo um caráter institucional para a ação dos folcloristas e assegurando a existência de um espaço para a atuação desses intelectuais. Todos esses esforços foram direcionados no sentido da transformação da pesquisa folclórica em algo sistemático e dinâmico, ou seja, científico. Um novo conceito, um novo tipo de intelectual, outra ambição.

Em 1889, Paris sedia o Primeiro Congresso Internacional de Folclore, e em 1891 é a vez de Londres abrir as portas para o segundo congresso organizado por esses intelectuais. O *Folklore Journal* foi o principal veículo de divulgação dos trabalhos da comunidade de folcloristas. Sua influência em outros países pode ser notada pela fácil aceitação universal

do termo folclore como designador das práticas populares. Na França, temos em Paul Santyves, Arnold Van Gennep e Jean Paul Sébillot alguns herdeiros dessa tradição. Na Itália, destacam-se nomes como os de Raffaele Corso e Guisepe Pitré e na Bélgica surge Albert Marinus (ORTIZ, 1991). Nos Estados Unidos, em 1888, Franz Boas funda a “American Folklore Society”.

No Brasil, a influência desses estudos é visível a partir da segunda metade do século XIX, a partir das obras de Celso de Magalhães (1849-1879), Sílvio Romero (1851-1914) e João Ribeiro (1860-1934). No século XX, temos Arthur Ramos (1903-1949), Amadeu Amaral (1875-1929), Mário de Andrade (1893-1945), Renato Almeida (1895-1981) e Edison Carneiro (1912-1972), dentre tantos outros intelectuais ou folcloristas que contribuíram para o fortalecimento dos estudos folclóricos no país (FRADE, 2004).

Folclore e comunicação:

Luiz Beltrão não foi o primeiro intelectual brasileiro a se preocupar, ainda que difusamente⁴, com as práticas votivas e folclóricas. A geração modernista e antropofágica de 1922 também se interessou por essa e outras práticas culturais. Foi embalado por esse interesse que tal geração organizou clubes de pesquisa e associações para a exploração do Brasil ainda não conhecido. Uma dessas organizações foi a Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), fundada em 1937, e vinculada ao Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, então dirigido por Mário de Andrade⁵ (VALENTINI, 2010).

Foi no âmbito das atividades da SEF que, em 1938, organizou-se a “Missão de Pesquisas Folclóricas”, responsável pelo primeiro registro sistemático das práticas votivas realizadas no Brasil (BOMFIN, 2008).

A equipe da *Missão* era formada por **Martin Braunwieser**, músico e maestro do Coral Paulistano; **Luiz Saia**, arquiteto e membro da Sociedade de Etnografia e Folclore, pesquisador da Divisão de Documentação Histórica e Social e chefe da missão; **Benedito Pacheco**, técnico de som; e **Antônio Ladeira**, assistente técnico de gravação do Departamento de Cultura. A equipe embarcou em fevereiro daquele ano a bordo do navio Itapagé rumo ao Nordeste e Norte do país e só retornou em agosto, por ordem do então novo prefeito de São Paulo Prestes Maia, que afastou Mário de Andrade do cargo e desfez, assim, a expedição. Nesses seis meses de viagem, os integrantes trouxeram um enorme acervo composto de adornos usados pelas comunidades visitadas, fotos, filmes, músicas gravadas e anotações. Ao todo,

⁴ Difusamente, pois as práticas votivas não eram o interesse central dos estudos encabeçados por Beltrão, o que preocupava o autor era a função comunicativa que essas práticas possuíam para as comunidades que a realizavam.

⁵ Mário Raul de Moraes Andrade (1893 - 1945) foi um poeta, cronista e romancista, crítico de literatura e de arte, musicólogo e pesquisador do folclore brasileiro. Foi um dos idealizadores da Semana da Arte Moderna de 1922, tendo sido uma personalidade de múltiplos talentos e de singular influência no meio cultural brasileiro do século XX. Sua atuação nos campos da poesia, romance, crônica, jornalismo, música, folclore e crítica guiaram-se pela busca dos aspectos definidores da identidade nacional e pela valorização das manifestações artísticas e culturais do Brasil.

visitaram 28 cidades dos Estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão e Pará, catalogando mais de 70 grupos musicais ou artistas independentes, gerando um catálogo histórico-fonográfico com 1.299 fonogramas originais da música popular tradicional. (TAMENPI, 2009, p.1)

A missão, como aponta Bonfim (2008), tinha como objetivo percorrer as regiões do norte e nordeste brasileiro e coletar dados relativos ao folclore musical. Invariavelmente coletou informações sobre as práticas tradicionais votivas e religiosas. Metodologicamente, o grupo se orientou pelos debates promovidos no curso de “Instruções Práticas para Pesquisa de Antropologia Física e Cultural”, ministrado por Dina Lévi-Strauss⁶ no âmbito das atividades da SEF.

Como legado, a missão deixou um acervo com cerca de 6.304 páginas datilografadas, 460 informantes catalogados, fotografias diversas, cadernos de campo, diários da viagem, e gravações de áudio (TAMENPI, 2009). Além do acervo, a missão marcou a história intelectual brasileira do século XX, tendo sido uma das principais expedições de descoberta do folclore nacional na primeira metade do século.

Pesquisa folclórica no Brasil

A missão de pesquisa folclórica foi a expressão de uma mobilização que caracterizou o desenvolvimento da pesquisa folclórica no Brasil no início do século XX.

Entendemos que no Brasil, o início dos estudos sobre folclore está influenciado por um cenário maior. Mário de Andrade e Renato Almeida⁷, embora possuíssem perspectivas diferentes, são os que mais se aproximam das estratégias adotadas pelos seus pares europeus, fundam sociedades de pesquisa e organizam movimentos articulados para promoção da pesquisa folclórica. Vários outros intelectuais participam dos esforços dessas organizações (FRADE, 2004).

⁶ Dina Dreyfus Lévi-strauss (1911-1999) foi uma etnógrafa e antropóloga francesa. Participou da “missão francesa” na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP em 1935 e fundou, em 1937, ao lado de Mário de Andrade, a primeira sociedade de pesquisa etnológica brasileira.

⁷ Renato de Almeida (1895-1981) foi um folclorista e musicólogo brasileiro. Formado em Direito, trabalhou como advogado e jornalista. Ingressou no Ministério das Relações Exteriores, chefiando o serviço de documentação do Itamarati. Em 1947 foi um dos fundadores da Comissão Nacional do Folclore, tendo sido posteriormente nomeado Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Publicou vários livros sobre música e folclore: "História da Música Brasileira" (1926/RJ); "Compêndio de História da Música Brasileira" (1948/RJ); "Inteligência do Folclore" (1957/RJ); "O Folclore na Poesia e na Simbólica do Direito" (1960/Miami-USA); "Tablado do Folclore" (1961/SP); "O I.B.C.C. e Os Estudos de Folclore no Brasil" (1964/RJ); "Manual de Coleta Folclórica" (1965/RJ); "Música e Dança Folclórica" (1968/RJ); "Danses Africaines en Amérique Latine" (1969/RJ) e "Vivência e Projeção do Folclore" (1971/RJ), quase todos com reedições. Foi membro-fundador efetivo do Conselho Superior de Música Popular Brasileira do Museu da Imagem e do Som (MIS), a partir de 1966.

A história do desenvolvimento da pesquisa folclórica no Brasil remonta aos esforços de Sílvio Romero⁸, considerado pelo cânone como o primeiro intelectual comprometido com o estudo do folclore. Embora antecedido por Celso Magalhães⁹, foi Romero quem melhor representou uma mudança de perspectiva responsável por consolidar e ampliar a abrangência dos estudos sobre as tradições populares. A atuação de Romero é concomitante com a inauguração das perspectivas científicas de compreensão da realidade social brasileira. Ele próprio teve importante contribuição na construção do pensamento que, posteriormente, foi reconhecido como sociológico e na elaboração do esforço pelo conhecimento das tradições populares. Foi um dos primeiros a coletar cantigas populares e compila-las em publicações sobre o tema (SOUZA, 2004).

O trabalho de Romero diferenciava-se das perspectivas anteriores. Os românticos brasileiros, que tiveram na literatura sua principal expressão, estavam preocupados enormemente com a formulação de um retrato idealizado da nacionalidade. Podemos considerar José de Alencar como um dos principais expoentes dessa perspectiva. Ao contrário dos românticos, Romero estava declaradamente próximo dos positivistas e a busca pelo cientificismo, que caracterizou o surgimento do folclorismo no âmbito internacional, marcou o desenvolvimento dessa perspectiva no Brasil (MOTA, 2000).

Não podemos negligenciar o fato de que Romero nutria uma preocupação com a construção de um espírito científico que orientasse a pesquisa folclórica, principalmente no que diz respeito aos métodos de coleta do material estudado. Gerações de folcloristas terão a mesma preocupação, passando por Mário de Andrade, Amadeu Amaral¹⁰, Edison Carneiro¹¹, entre outros (VILHENA, 1997).

Dentre esses, Mário de Andrade é talvez o que melhor sistematizou a questão a partir da publicação póstuma do seu artigo “Folclore”, de 1948. Esse texto é emblemático, pois condensa uma preocupação que passa a fazer parte do horizonte de problema dos folcloristas, a saber, a interlocução desses intelectuais com as ciências humanas e sociais. O diagnóstico elaborado por Andrade não era dos mais otimistas. Ele inicia o texto afirmando que “a situação dos estudos de Folclore no Brasil ainda não é boa” (ANDRADE, 1948,

⁸ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) foi um crítico literário, jornalista, historiador, político e sociólogo brasileiro. Formado em Direito pela tradicional faculdade do Recife, atuou no cenário cultural brasileiro em diversas associações culturais e científicas, como a Academia Brasileira de Letras da qual foi um sócio-fundador.

⁹ Celso Tertuliano da Cunha Magalhães (1849-1879) foi um escritor brasileiro, pioneiro no estudo do folclore no Brasil, tendo lançado as bases do folclorismo nacional.

¹⁰ Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado (1875-1929) foi um poeta, ensaísta, filólogo e folclorista brasileiro. Foi um dos primeiros a estudar no país a variação linguística e os dialetos regionais.

¹¹ Edison de Souza Carneiro (1912-1972) foi um advogado e escritor brasileiro responsável por importantes estudos sobre cultos religiosos de origem africana. Organizou, junto com outros intelectuais, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro tendo sido seu primeiro presidente.

p.285), e se esforça em argumentar sobre a falta de uma sistematicidade que assegure a legitimidade científica aos estudos de folclore. Será a busca por essa sistematicidade que impulsionou as ações da geração de Andrade. Ele mesmo, quando dirigente do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, criou a Sociedade de Etnografia e Folclore que teve como principal objetivo o treinamento técnico e científico dos pesquisadores de folclore a partir dos cursos ofertados pela antropóloga Dinah Lévi-Strauss.

Em 1937, surgiu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1941, Artur Ramos¹² fundou, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, também preocupada com os estudos sobre folclore. Ainda em 1941, Câmara Cascudo¹³, celebrado como um dos maiores folcloristas brasileiros, fundou no Rio Grande do Norte a Sociedade Brasileira de Folclore. Essa profusão de instituições foi coroada com a criação, em 1947, da Comissão Nacional do Folclore que, por sua vez, foi o núcleo em torno do qual se organizou o movimento folclórico brasileiro. Em 1958, tal movimento foi o responsável pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no qual se elaborou uma conceituação nacional para o termo folclore, tarefa que Mario de Andrade já achava necessária em 1948 (VILHENA, 1997).

A Comissão Nacional do Folclore foi uma organização paraestatal formulada por Renato Almeida, em 1947, que tinha por objetivo organizar os esforços em torno da pesquisa folclórica. Ela possuía amparo institucional junto ao Ministério das Relações Exteriores e ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), que era um dos braços do ministério. Embora existente dentro de um contexto modernista, a Comissão compreendia a cultura popular e o folclore como “o lastro para a definição da nossa identidade nacional” (VILHENA, 1997, p. 21), valor tipicamente romântico.

O movimento folclórico brasileiro, segundo Vilhena (1997), mobilizou uma grande comunidade intelectual em torno do estudo do folclore, mas, ao mesmo tempo, teve papel decisivo na “atribuição de um lugar relativamente desvalorizado ao tema do folclore em nossa vida intelectual” (VILHENA, 1997, p.21). Isso ocorreu devido ao fato de que os folcloristas tiveram pouco sucesso na inserção do folclore no interior das universidades, por isso permaneceram com o estigma de serem intelectuais não acadêmicos, empiricistas e que possuíam uma relação romantizada com o objeto que se propunham compreender.

¹² Artur de Araújo Pereira Ramos (1903-1949) foi um médico psiquiatra, antropólogo e folclorista brasileiro responsável por importante obra sobre o negro brasileiro e as tradições culturais afro-brasileiras.

¹³ Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi um historiador, folclorista e advogado brasileiro. Produziu uma das mais extensas e prolficas obras sobre o folclore nacional.

Sem êxito na tarefa de conquistar autonomia científica para a pesquisa folclórica, os folcloristas “participaram intensamente dos debates que definiram a constituição do campo das ciências sociais no Brasil” (VILHENA, 1997, p. 28). Daí advém à importância da proposta que construíram.

É nos meados das décadas de 1930 e 1940, portanto, que a busca pela sistematicidade na pesquisa folclórica levou à consolidação de uma rede de estudiosos, de espaços institucionais e de mecanismo de publicização do trabalho realizado que permitiu a sedimentação dos estudos folclóricos no Brasil.

Luiz Beltrão e os folcloristas

Tendo no ex-voto um importante objeto de reflexão, Beltrão se inscreveu dentro de um debate já iniciado pelos estudiosos do folclore brasileiro. No entanto, o folclore surge na obra beltraniana, sob a perspectiva comunicacional (SCHMIDT, 2008). O lugar a partir do qual Beltrão fala é o espaço da comunicação, espaço esse que ele busca formular e utilizar ao mesmo tempo. Formular, pois até então a comunicação não era uma disciplina que gozava de grande reconhecimento acadêmico ou social. Utilizar, pois a sua preocupação central girava em torno dos temas comunicacionais. Duplo movimento de aproximação e distanciamento. Próximo em termos de estratégias intelectuais adotadas e distante na medida em que pretendia pensar algo até então não explorado pela comunidade científica, a saber, as práticas comunicacionais.

Pode ter sido por isso que a sua recepção pela comunidade dos estudiosos do folclore tenha sido modesta. Um dos poucos relatos conhecidos¹⁴ é a carta que Luís da Câmara Cascudo escreve para Beltrão após ler o artigo sobre o ex-voto. O folclorista (1998, p.273) afirma:

O seu artigo-de-abertura [...] é um magnífico master-plan. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. E não apenas os produtos do esforço desse Homem. Acredite na força pessoal do seu afeto no plano da penetração analítica. Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés. [...] Desconfie dos mentores integrais, nada permitindo às alegrias do seu livre trânsito. O papagaio, que tanto fala, não sabe fazer um ninho. E os Pássaros cantadores aprenderam na gaiola essa habilidade de prisioneiros profissionais.

No relato de Cascudo há indícios dos valores que o folclorista encontrou e com os quais se identificou na perspectiva que Beltrão desenvolveu. O maior deles é a exaltação da construção de uma proposta independente e inovadora, que não se restringia ao

¹⁴ Vale ressaltar que não realizamos uma pesquisa de fontes ou arquivos para o mapeamento desta recepção e nos utilizamos aqui de referências encontradas nos trabalhos de Neiva (2011), Benjamin (1998) e Melo (2001a).

conhecimento acumulado, mas que se lançava a descobertas, mantendo como norte uma perspectiva de liberdade criadora que assegurou a Beltrão trafegar por diferentes áreas do conhecimento, emprestando de cada uma delas elementos que possibilitaram a formulação daquela que ficou conhecida como sendo a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira, a Folkcomunicação.

Luís da Câmara Cascudo exerceu um papel de extrema importância para a consolidação da pesquisa folclórica no Brasil, sendo reconhecido como um dos maiores folcloristas brasileiros. No entanto, ele permaneceu distante das principais organizações institucionais de pesquisa folclórica ou da cultura popular do período. Não teve uma participação ativa nos empreendimentos de Mário de Andrade junto à SEF, nem no posterior Movimento Folclórico Brasileiro. Embora tenha realizado trabalhos em parceria com Mário, nunca aderiu inteiramente às perspectivas professadas por Andrade. A posição distanciada de Cascudo em relação ao movimento, que foi a principal articulação em nível nacional de promoção de pesquisas folclóricas, se deve às divergências teóricas e conceituais com os membros da organização e com demais pesquisadores. Sobre isso, afirma Lima (2008, p.179):

Essa independência de Câmara Cascudo em relação ao contexto histórico pode ser percebida também em sua relação com a Comissão Nacional do Folclore (CNFL), entre as décadas de 1940 e 1960. Essa relação foi marcada por seu afastamento do “movimento folclórico” em função de duas motivações básicas: a) Cascudo concentra sua produção no tema da literatura popular, enquanto os demais folcloristas se concentravam nos folguedos; b) Cascudo mobiliza sua vasta erudição para realizar exercícios comparativos amplos, não tomando necessariamente o Brasil como uma referência de base, indo de encontro ao que recomendava Mário de Andrade e, tempos depois, Renato Almeida.

A independência conquistada por Cascudo na sua trajetória intelectual é a mesma que ele recomenda a Beltrão como sendo a principal busca de toda empreitada científica. Por isso, temos indícios de que a proximidade regional e intelectual entre Luiz Beltrão e Luís da Câmara Cascudo, ambos nordestinos e, direta ou indiretamente, estudiosos do folclore, extrapolou os limites geográficos, tornando-se um indicativo das pressões institucionais às quais esses pesquisadores estavam submetidos.

Membros de uma mesma geração de pensadores, produzindo num mesmo espaço geográfico e social, com formação humanística semelhante, Luiz Beltrão e Câmara Cascudo possuíram proximidade, assim como diferenças, de atuação no cenário intelectual do período.

Em 1941, Câmara Cascudo fundou a Sociedade Brasileira do Folclore (SBF), estabelecendo profícuo contato epistolar com folcloristas europeus e americanos, conquistando repercussão internacional graças ao seu carisma pessoal. Em concomitância

com a Sociedade, funcionava o Clube Internacional de Folclore, que carecia de um aparato organizacional capaz de suportar o peso das concepções de seus idealizadores. A Sociedade, embora de caráter nacional, conseguiu estender suas ramificações e atividades apenas para o estado de Goiás, na figura de Durval de Castro. Em 1986, com a morte de Câmara Cascudo, o seu projeto de mobilização nacional pelo folclore encerrou-se. Sociedade de um homem só ou de poucos, assim podemos compreender a SBF, que na sua história revelou o caráter paradoxal da posição ocupada por Câmara Cascudo, institucionalmente marginalizado e intelectualmente fundamental (LIMA, 2008).

Luiz Beltrão, por sua vez, procurou abrigo junto às instituições do catolicismo brasileiro e às organizações católicas latino-americanas. Além disso, Beltrão estabeleceu um forte vínculo e diálogo com a comunidade de pesquisadores da comunicação latino-americana por meio do CIESPAL – Centro Internacional de Estudiosos Superiores de Periodismo para América Latina (TARSITANO, 2010; MELO, 2008a, 2008b). Fundado em 1959, a partir do convênio assinado entre a UNESCO e o governo do Equador, o CIESPAL teve por objetivo “formar pessoal docente, organizar estágios de aperfeiçoamento para os professores de jornalismo e para os jornalistas profissionais, bem como realizar estudos sobre os métodos de ensino e as técnicas de comunicação” (BENJAMIN, 1998 p. 70).

A convite do professor Gonzalo Córdoba, Luiz Beltrão ministrou, em 1963, o curso “Metodos de la enseñanza de la técnica del periodismo”, em Quito. O convite foi fruto das visitas que, em 1962, Córdoba fazia às diversas universidades da América Latina. O objetivo dessas expedições foi observar as práticas de ensino do jornalismo no continente. Impressionado com o trabalho que Beltrão desenvolveu na Universidade Católica de Pernambuco, Córdoba convidou-o para a realização do curso. Isso permitiu a construção de laços intelectuais que asseguraram o intercâmbio de ideias e de pesquisadores entre Brasil e outros países da América Latina durante quase uma década (BENJAMIN, 1998; MELO 2008a, 2008b).

Outra empreitada de Luiz Beltrão foi a fundação do Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM. Em 1963 a entidade surgiu com o objetivo de aprimorar a formação acadêmica dos estudantes e fomentar pesquisas sobre comunicação (GOBBI, 2005, 2006; MELO 2001a, 2001b). Tendo Beltrão como presidente e principal articulador, o Instituto sobreviveu até a sua transferência para Brasília, em 1965. A partir desse ano, encerram-se as atividades práticas da organização, que continuou existindo apenas formalmente.

Consideramos que a transferência de Beltrão para Brasília marcou uma mudança não só na sua trajetória profissional, mas também na sua produção intelectual. Em Brasília, Beltrão realizou estudos monográficos acerca da interação entre cultura popular e cultura massiva no contexto urbano, ampliando o foco de abrangência de estudo da Folkcomunicação. Também na capital federal, a fragilidade das propostas institucionais de produção científica que não tinham na universidade seu núcleo principal, como o ICINFORM, se tornou mais evidente.

Os esforços de Beltrão terminaram por encaminhá-lo para a academia/universidade. Foi nesse espaço que o autor conquistou maior prestígio e reconhecimento. Câmara Cascudo, por sua vez, permaneceu durante quase toda a sua trajetória, distante da academia. Embora tenha sido apropriado nos debates universitários, Câmara Cascudo não participou efetivamente do projeto acadêmico e universitário ao qual Beltrão aderiu.

Beltrão estava ainda intelectualmente próximo de Edson Carneiro. A teoria da Folkcomunicação se propõe a pensar as práticas comunicativas que ocorrem em relação direta com o universo folclórico como processos dinâmicos sujeitos a alterações, modificações e transformações. Percebe-se aqui a influência do pensamento de Édison Carneiro na forma como Beltrão constrói tal compreensão. Como aponta Salles (1982), para Édison Carneiro o folclore pressupõe o domínio coletivo do conhecimento e, enquanto conhecimento, as práticas folclóricas estão “em constante readaptação às novas formas assumidas pela sociedade” (SALLES, 1982, p. 8). Ainda, como indica Lody (2008, p. IX):

Edison Carneiro determina nos seus textos um lugar para o folclore enquanto um repertório de voz e tendência política, querendo sempre encontrar em cada manifestação uma forma de reivindicação, de busca pelos direitos [...]. O ‘folclore’, portanto, é um elenco de fenômenos sociais e culturais livres da interferência do ‘Estado’, sendo um lugar de exposição das mais legítimas falas políticas do povo.

Para Carneiro (2008), portanto, o folclore em si mesmo era também uma via de conquistas sociais, de ação e transformação política. A compreensão que Beltrão elabora sobre os processos comunicativos está umbilicalmente ligada à definição de folclore elaborada por Edison Carneiro. Talvez esteja aqui o ponto de maior contato entre Beltrão, as Ciências Sociais e os Estudos Folclóricos, representada na figura de Carneiro.

A compreensão que Carneiro formulou sobre o folclore foi fundamental para o desenvolvimento da Folkcomunicação. Corremos o risco de afirmar que a contribuição de Beltrão no enriquecimento dessa compreensão reside precisamente na sua teorização acerca dos sistemas comunicativos, que o faz amparado no pensamento norte-americano. Tomando

como referência a definição de Carneiro, Beltrão insere nela a dinâmica comunicativa como um critério explicativo melhor capacitado para identificar o funcionamento desses fenômenos.

A partir desse levantamento podemos compreender que durante grande parte do século XX a pesquisa folclórica mobilizou, direta ou indiretamente, vários grupos de intelectuais. É possível indicar ainda que Luiz Beltrão fez parte da mesma plataforma de geração dos principais pesquisadores do folclore brasileiro durante o século XX. A proximidade temática e geracional permitiu com que se constituíssem relações intelectuais e teóricas, que esperamos ter demonstrado. A divergência maior entre a proposta de Beltrão e a dos folcloristas esteve relacionada ao tipo de projeto desenvolvido. Luiz Beltrão tinha uma clara opção pelo projeto de construção da academia/universidade, os folcloristas, por sua vez, se mantiveram em organizações não acadêmicas/universitárias. Além disso, a diferença de enfoque temático, posto que a preocupação fundamental de Beltrão era com os processos comunicativos, contribuiu para o distanciamento dessas perspectivas. Ademais, é importante indicar que, como demonstra Vilhena (1997), os folcloristas historicamente ficaram estigmatizados com a imagem de intelectuais não acadêmicos, o que contribuiu para a rejeição pública da identificação com a figura do intelectual folclorista.

Contudo, é importante salientar que Luiz Beltrão utilizou de uma perspectiva muito cara aos estudiosos do folclore, a saber, a ideia de que o folclore é um fenômeno dinâmico e em constante processo de transformação. Apesar de Luiz Beltrão ter negado veementemente sua identificação como folclorista, não podemos negligenciar o fato de que houve uma influência do pensamento folclórico na sua obra. Tendo reconhecido e indicado as características dessa influência, cabe agora mapear as consequências dela não só no desenvolvimento da teoria da folkcomunicação, como também no processo de institucionalização dos estudos em comunicação no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. Folclore. In: MORAES, Rubens Borba de. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Souza, 1948, p.285-317.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/UNICAP, 1998.

BONFIM, Luís Américo Silva . Uma Fábrica de Relíquias: Os Ex-votos Entre a Representação e a Coleção. In: **26a Reunião Brasileira de Antropologia**, 2008, Porto Seguro. Programação dos Grupos de Trabalho, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2037/luis%20americo%20bonfim.pdf Acesso em: 25/03/2013

CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do Folclore*. São Paulo, WMF Martins Fontes: 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. Carta a Luiz Beltrão sobre “ex-voto”. In: BENJAMIN, Roberto. **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/UNICAP, 1998. p.273-278.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (Org.). **Reconhecimentos: antropologia, folclore e cultura popular**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

CORRÊA, Mariza. Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 6: p. 79-98, 1988.

FRADE, Maria de Cásia. Evolução do conceito de folclore e cultura popular. **Anais 10º congresso brasileiro de folclore**, São Luís 18 a 22 de julho de 2002, p. 48-61, 2004.

GOBBI, Maria Cristina. Luiz Beltrão: um homem à frente de seu tempo. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, Brasília. Intercom. São Paulo: Intercom, 2006. v. 1. p. 30-45.

GOBBI, Maria Cristina. O legado pioneiro de Luiz Beltrão. In: III Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo. **Anais do 3º Encontro da Rede Alfredo de Carvalho**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005. v. 3. p. 1-1.

LIMA, Matheus Silveira. Percurso intelectual de Luís da Câmara Cascudo: modernismo, folclore e antropologia. Perspectivas: **Revista de Ciências Sociais** (UNESP. Araraquara. Impresso), v. 32, p. 173-192, 2008.

LODY, Raul. Apresentação. In. CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. 3. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

MELO, José Marques de (Org.). **Mídia e Folclore: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. Maringá/São Bernardo do Campo, Faculdades Maringá /Universidade Metodista de São Paulo / Cátedra Unesco de Comunicação, 2001a.

MELO, José Marques de. Introdução. In. BELTRÃO, Luiz – **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b. p.7-23

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular: História, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Ed Paulus, 2008a.

MELO, José Marques de. **História Política das Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2008b.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MOTA, Maria Aparecida Resende. **Sílvio Romero**: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

ORTIZ, Renato. **Cultura Popular**: Românticos e Folcloristas. São Paulo: Olho D'água, 1992.

PONTES, Heloísa. Por uma sociologia do mundo intelectual. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 7, 1991, p. 112-126.

SALLES, Vicente. Apresentação In. CARNEIRO, Edison. **Folguedos tradicionais**. 2.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina. **Bibliocom. Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** – Intercom. Ano 1, edição bimestral, nov e dez 2008.

SOUZA, Ricaro Luiz de. Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero. **Revista História Regional** v. 9, n.1, 2004, p.9-30.

TAMENPI, Daniel. **Missão de Pesquisa Folclóricas**. 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/missao-de-pesquisas-folcloricas.html>
Acesso em: 08/07/2013

TARSITANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão - Visionário Sedutor. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, v. 14, p. 09-240, 2010.

VALENTINI, L. . Nos arredores e na capital : as pesquisas da Sociedade de Etnografia e Folclore (1937-1939). **Ponto.Urbe (USP)**, v. 5, p. 2, 2010.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964, Rio de Janeiro Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997.

VOLOBUEF, Karin. Os Irmãos Grimm e a coleta de contos populares de língua portuguesa. In: **XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada- Literatura, Artes, Saberes** , 2007. Anais. Disponível em http://www.abralic.org.br/enc2007/programacao_simposios.asp. Acesso em 25/05/2013.